



## O CONCEITO DE AMOR EM ORÍGENES DE ALEXANDRIA E AGOSTINHO DE HIPONA: APROXIMAÇÕES E DIVERGÊNCIAS

FRANCISCO ROMÁRIO DE QUEIROZ SILVA<sup>1</sup> E  
FRANCISCO CLÉBIO FIGUEIEDO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando a relevância que a temática do amor teve e continua tendo no campo da filosofia, bem como a importância que os pensadores Orígenes e Agostinho têm na mesma área, especificamente no que toca à filosofia antiga e Patrística, objetiva-se, neste trabalho, apresentar os sistemas de ambos os Padres, suas contribuições e divergências a respeito do citado tema. Para tanto, procedeu-se a um levantamento bibliográfico das principais obras em que ambos os autores dissertam a respeito da temática proposta para esta pesquisa, bem como pesquisadores e comentadores do pensamento do alexandrino e do hiponense. A pesquisa ainda está amparada em historiadores da filosofia. Desse modo, observa-se que o tema do amor ocupa lugar significativo nos textos de Agostinho e Orígenes, sendo chave de leitura e compreensão para seus sistemas filosóficos. Ainda observou-se que, não obstante ambos os pensadores apontarem para as mesmas direções em diversos quesitos, Agostinho parece ser mais preciso, metodológico e possuir uma terminologia mais refinada no tocante ao assunto. O que permite concluir que ambos os pensadores trazem importantes contribuições filosóficas à temática do amor, sendo o sistema agostiniano mais desenvolvido que o origeniano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agostinho. Orígenes. Amor. Cristianismo.

**ABSTRACT:** Considering the relevance that the theme of love had and continues to have in the field of philosophy, as well as the importance that thinkers Origen and Augustine have in the same area, specifically with regard to ancient and Patristic philosophy, the objective of this work is to present the systems of both Fathers, their contributions and divergences on the aforementioned theme. Therefore, a bibliographic survey of the main works in which both authors discuss the proposed theme for this research was carried out, as well as researchers and commentators on the thought of Alexandrian and Hyponens. The research is still supported by historians of philosophy. Thus, it is observed that the theme of love occupies a significant place in the texts of Augustine and Origen, being a key to reading and understanding their philosophical systems. Still, it was observed that, despite both thinkers pointing to the same directions in several aspects, Augustine seems to be more precise, methodological and has a more refined terminology regarding the subject. Which allows us to conclude that both thinkers bring important philosophical contributions to the theme of love, with the Augustinian system being more developed than the Origenean one.

**KEYWORDS:** Augustine. Origins. Love. Christianity.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: romario15frr@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar nos cursos de Pedagogia e Administração. Professor do Departamento de Letras Vernáculas do Campus Avançado de Pau dos Ferros - CAPF/UERN. Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: clebiofigueiredo@uern.br.

A temática do amor sempre esteve presente nos discursos e, desde muito cedo, foi objeto de discussões entre os filósofos. Decerto, em Platão o amor é já o meio de ascensão ao inteligível. Com o advento do cristianismo, esse assunto se tornou ainda mais presente e é tópico importante em diversos textos das Escrituras. Neste ponto, o presente trabalho pretende analisar o pensamento de duas figuras do cristianismo antigo, cujos escritos se desdobraram na explicação e discussão acerca do amor. Trata-se de Orígenes, natural da cidade de Alexandria no Egito, nascido aproximadamente em 185 d.C. e Aurélio Agostinho, mais conhecido como Santo Agostinho, natural da cidade de Tagaste na África, nascido em 354 da era cristã.

Ambos os pensadores exerceram importante papel nos primeiros séculos do cristianismo e, ainda hoje, são objeto de estudos e pesquisas não somente pelos teólogos, dado que lograram à Teologia e às ciências bíblicas materiais de relevante importância, mas também ocupam importantes páginas nos pesquisadores e historiadores da filosofia. Assim sendo, objetiva-se verificar quais os pontos convergentes e divergentes nos pensamentos de Orígenes de Alexandria e Agostinho de Hipona quanto à temática do amor.

Para tanto, procedeu-se a uma seleção dos principais textos em que ambos os autores dissertam sobre tal temática, a fim de tentar compreender o máximo possível da complexidade de seus pensamentos. No que se refere a Orígenes, o *corpus* escolhido consta de suas duas *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*, as *Homilias sobre o Evangelho de Lucas* e, sobretudo, o seu precioso *Comentário ao Cântico dos Cânticos*. Por certo, é nesta última obra que Orígenes dá um tratamento especial à questão do amor. O motivo é bem visto, dado que o alexandrino está comentando o livro Bíblico que mais trata do assunto em questão, inclusive sob um prisma parcialmente erótico. Por esta razão, o *Comentário ao Cântico dos Cânticos* é, no *corpus* origeniano, o principal texto para esta pesquisa. Também se selecionou comentadores e pesquisadores que se debruçaram sobre o pensamento do oriental, tais como Capinetti (2016), Lupi (2018) e Freitas (2018).

Quanto a Santo Agostinho, compreende-se que sua produção é deveras extensa, de modo que este trabalho se tornaria insignificativamente pequeno para poder colher todas as contribuições que o hiponense dedicou ao tratamento do amor em suas mais diversas obras. Deste modo, buscou-se realizar uma seleção das obras mais importantes em que o Doutor de Hippo tratou do assunto em questão, tais como *A doutrina cristã*, *A verdadeira religião*, *Confissões*, *Comentário Literal ao Gênesis*, *A Trindade*, *Comentário ao Evangelho de São João* e, sua obra magna, *A cidade de Deus*. Não obstante, a pesquisa também está amparada em

estudiosos do pensamento agostiniano como Trapè (2018) Brown (2020) e Gilson (2010), bem como historiadores da filosofia como Reale e Antiseri (2017).

Assim, numa primeira parte apresenta-se uma pequena síntese biográfica a respeito da figura de Orígenes e, em seguida, realiza-se a apresentação de sua produção bibliográfica a respeito do amor, procurando identificar a generalidade de seu sistema filosófico e suas doutrinas sobre essa questão.

Na segunda parte, dada a notoriedade que goza Agostinho, sendo mundialmente conhecido não apenas bibliograficamente, mas também biograficamente, somando-se a isto a complexidade e a extensão de todo texto que pretenda dar conta de apenas um resumo da vida e da obra do hiponense, optou-se por apresentar diretamente o seu pensamento acerca da temática proposta para esta pesquisa, deixando a cabo do leitor o estudo sobre a biografia do filósofo.

## **1 O conceito de amor em Orígenes de Alexandria**

### **1.1 A figura de Orígenes**

A figura de Orígenes é, sem dúvida, bastante singular na história do cristianismo. Embora ainda permaneça de certo modo às escuras em parte do Ocidente, sobretudo no Brasil, este pensador exerceu forte influência nos primeiros séculos do cristianismo. “Recebeu do pai Leônidas uma educação particularmente profunda, grega e bíblica” (CAPINETTI, 2016, p. 9). Após a morte do pai por ocasião das perseguições aos cristãos – por estes tempos ocasionada por Septímio Severo –, Orígenes abriu uma escola de gramática em vistas a sustentar a família. Entretanto, tal projeto foi posteriormente abandonado, por ter sido convocado ao apostolado.

Sem dúvida, o exegeta de Alexandria foi autor de uma vasta produção. Embora uma parte de sua bibliografia tenha se perdido, ainda se conservam – para a felicidade dos pesquisadores – boa parte de sua numerosa produção, sobretudo seus escritos fundamentais, tais como os *Tratados sobre os Princípios*, *Contra Celso* e outros:

A perseguição de Décio, em 250, põe bruscamente fim a essa atividade caudalosa e multiforme; preso e torturado, Orígenes proclama corajosamente sua fé. Não se deseja sua morte, mas sua apostasia, cujo efeito seria notável, do momento em que ele é, entre os cristãos de sua época, a figura mais relevante. A morte do imperador o reconduz à liberdade no decurso de alguns meses, mas com a saúde arruinada. Morre aos sessenta e nove anos completos, no ano de 254 (CAPINETTI, 2016, p. 12).

Não seria exagero afirmar que Orígenes foi no Oriente aquilo que Agostinho foi para o Ocidente, pelo menos no que se refere ao tratamento da filosofia e da teologia. Os comentadores assinalam que, assim como o bispo de Hipona foi o criador da teologia no Ocidente, Orígenes

o foi no Oriente. Nos seus escritos temos o ponto de partida para a união entre a filosofia grega e os escritos cristãos. O Doutor de Alexandria nutre especial afeto pela interpretação de cunho alegórico da Bíblia. Além disso, plantou os alicerces para o método de estudo bíblico que posteriormente será adotado pelos outros Padres (inclusive por Agostinho) e também será recomendado pelo Concílio Vaticano II, segundo o qual a Revelação deve ser lida em três sentidos: literal, moral e espiritual.

Sem dúvidas, a contribuição que o alexandrino trouxe à exegese bíblica foi considerável. No dizer de Reale e Antiseri (2017, p. 421), ele representa a “primeira grandiosa tentativa de síntese entre filosofia e fé cristã”. No entanto, nesse processo de harmonização entre cristianismo e filosofia, Orígenes acabou por cometer alguns erros doutrinários que o prejudicaram bastante no tocante à sua imagem e reputação. De todos os erros que lhe foram atribuídos e anatematizados, o mais considerável é sem dúvida o referente ao conceito de subordinação do Filho ao Pai: “Embora defenda a divindade do Filho, Orígenes acentua também sua inferioridade e subordinação ao Pai. Sua formação platônica deveu influenciá-lo de maneira decisiva. S. Jerônimo o acusa de subordinacionista” (FRANGIOTTI, 1995, p. 76). Estas acusações implicam a condenação de suas teses em 543 por parte do Imperador Justiniano no Sínodo de Constantinopla e, acrescente-se a isto, a polêmica em torno de sua automutilação, motivo pelo qual seu processo de canonização estaria definitivamente fora de questão, dada a decisão do I Concílio de Niceia em 325<sup>3</sup>.

Definitivamente, essas condenações “causaram a perda de grande parte da enorme produção origeniana” (REALE; ANTISERI, 2017, p. 422). Por certo, isso constitui uma grande lástima para o admirador do pensamento do alexandrino. Entretanto, das obras que restaram, somando as homílias proferidas sobre os livros bíblicos, ainda pode-se ter uma ideia da robustez e grandiosidade do intelecto de nosso pensador.

Traçar um panorama do plano e da profundidade dos escritos de Orígenes que chegaram até nós fugiria do objetivo deste trabalho. Por certo, aqui pretende-se, de uma maneira sintética, examinar a contribuição do escritor à temática do amor e os problemas a ela conexas. Outrossim, verificar as proximidades e divergências de seu pensamento com o de Agostinho. Assim sendo, tendo ciência de quão pequeno é o espaço que se dispõe para uma pesquisa tão ampla, há que

---

<sup>3</sup> O leitor pode consultar as teses de Orígenes que foram anatematizadas em *Denzinger*, 2013, p. 150 a 151. Igualmente, no que se refere ao processo de mutilação: *Idem*, p. 52-53, em que o leitor pode conferir o próprio Cânone do I Concílio Ecumênico de Niceia, o qual anatematiza àqueles que fazem ou fizeram uso da castração voluntária.

pôr fim à contextualização concernente à figura de Orígenes e passar a expor o teor de seu pensamento.

## 2.2 O conceito de amor no pensamento Origeniano

O amor é um conceito muito presente no ambiente cristão, desde o mandamento do amor total a Deus, tal como exposto no capítulo 20 do *Livro do Êxodo* até o do amor ao próximo formulado por Cristo na Última Ceia. Ademais, todos os preceitos contidos nos textos sagrados dos cristãos, como as grandes coleções de leis rituais do *Levítico*, os Salmos e as instruções dos demais livros sapienciais como os Provérbios, visam incutir ao povo a devoção a seu Deus, de um modo sempre sincero e de total entrega. Por certo, a devoção também é uma espécie de amor, pois ser devoto a algo implica a dedicação da atenção, do cuidado, do zelo que outras coisas não são senão manifestações do amor.

Nesse ínterim, comentar as escrituras é comentar textos em que tal temática está quase sempre presente. Outrossim, a obra fundamental de Orígenes em que ele se dedica a este tema é, sem dúvidas, o *Comentário ao Cântico dos Cânticos* e, de todos os livros bíblicos do Antigo Testamento, o *Cântico* é, com certeza, o que mais trata do tema do amor, até mesmo sob o viés erótico, sendo objeto de muitas discussões entre os pesquisadores.

Para Orígenes, o amor é algo intrínseco ao homem. Ao nascer, o indivíduo já traz em si uma inata capacidade de amar, de modo que não há alguém que não ame ou, dito de outro modo, não há um momento em que o homem não ame algo. De modo que a pergunta será “o que?” em vez de “quando?”. Ou seja, não há um momento em que o homem não nutra amor, pelo que não se deve perguntar se o homem ama ou não, mas o que ele ama. Nas palavras de Lupi (2018, p. 83): “O amor dirige toda a trama e dramaticidade do Cântico. Amar é natural no homem [...]”. E o próprio Orígenes, no prólogo de seu comentário, assegura: “É importante saber, contudo, que para a natureza humana é impossível não estar sempre amando alguma coisa. [...] Mas essa capacidade de amar [...] está entranhada na alma racional como um dom do Criador” (ORÍGENES, 2018, p. 107).

Na sua segunda Homilia ao citado livro bíblico, o exegeta alexandrino define o amor como uma das emoções da alma. Segundo ele, ao criar a alma, Deus já nela insere todas as emoções, sendo o amor uma delas. Ainda, esse amor pode ser usado para o bem ou para o mal, dependendo daquilo que amamos:

Deus, autor de tudo, criou todas as emoções da alma para o bem. Mas, por nosso agir, frequentemente acontece que coisas que são boas por natureza, enquanto as usamos mal, nos levem ao pecado. Uma das emoções da alma é o amor, que usamos bem para

amar quando amamos a sabedoria e a verdade. Mas quando nosso amor cai em realidades inferiores, amamos a carne e o sangue (ORÍGENES, 2018b, p. 49).

Assim, o Padre explica que há duas espécies de amor, um terrestre e outro celeste. O amor celeste brota do próprio Deus que é a fonte do amor. Assim, aqueles que amam a Deus e as coisas retas estão imbuídos dessa classe de amor e trazem, segundo Orígenes, a imagem do homem interior, enquanto que aqueles que se apegam somente ao mundo material configuram-se ao homem exterior: “Para deixar mais claro: se existe alguém que mantém a imagem do que é terrestre de acordo com o homem exterior, esse é conduzido pelo desejo e pelo amor terrenos; mas quem tem ‘a imagem do que é celeste’ segundo o homem interior, age pelo desejo e pelo amor celestes” (ORÍGENES, 2018a, p. 98).

Essa temática dos dois amores figura já em sua *Primeira Homilia* sobre o *Cântico dos Cânticos*. Nesta, o autor os denomina de amor carnal e espiritual. O homem não pode conter a ambos, de modo que a presença de um implica a ausência do outro e vice-versa: “há certo amor carnal que procede de Satã e um amor espiritual que tem origem em Deus, e ninguém pode ser possuído por dois amores. Se és amante da carne, não compreendes o amor do espírito” (ORÍGENES, 2018, p. 29).

Destarte, embora distinga entre amor humano e divino, Orígenes compreende que o primeiro, quando bem orientado, pode assemelhar-se ao divino e, assim, ser justo. Por outra via, o amor humano é o meio pelo qual, analogicamente, Orígenes teoriza a respeito do amor divino. Sobre este ponto, assim se expressa Freitas (2018, p. 11):

mesmo que o amor humano seja ambíguo, o homem conhece única e somente o amor como desejo e dom, como duplo movimento de atração e de autoentrega; daí o emprego da linguagem do amor humano para tratar do amor divino – o único, aliás, a satisfazer, sem decepção, o desejo do amante humano: ela é suficiente, considerando-se as limitações descritivas do âmbito da experiência mística, para ilustrar como o amor seja potência unificadora e transformadora.

O amor humano pode assemelhar-se ao divino pela justiça. Quando bem orientado, o amor humano é a própria manifestação do divino, que é sua fonte e origem. Decerto, as realidades inteligíveis só podem ser explicadas a partir das coisas sensíveis, uma vez que o homem não tem convívio com tais realidades direta e continuamente. Ademais, as realidades inteligíveis se mostram transcendentais e, por isso, o homem só pode referir-se a elas por analogias com as coisas criadas. Assim se explica o método do alexandrino em usar o amor humano como ponte para tratar acerca do divino, como acima o disse Freitas (2018).

Por outro lado, dado que as emoções humanas podem desencaminhar-se da justiça e retidão e direcionarem-se a algum bem que não deva ser amado acima dos outros, o exegeta pontua em suas *Homilias sobre o Evangelho de Lucas* que o amor precisa de uma medida, de modo a amar as coisas conforme suas dignidades: “Mesmo o amor oferece um perigo, se ultrapassa a medida. Aquele que ama alguém deve, com efeito, considerar a natureza e os motivos do amor e não amar alguém mais do que ele merece” (ORÍGENES, 2016, p. 181).

Na sua *Segunda Homilia ao Cântico dos Cânticos*, o autor fala de uma ordem a que o amor deve obedecer para que seja reto. Essa ordem consiste em amar as coisas conforme sua dignidade e o lugar que ocupam na escala dos bens. Como bom platônico, Orígenes compreende que há uma escada de bens a serem amados, uns menos, outros mais. Os bens inteligíveis estão acima dos sensíveis e, mesmo entre os sensíveis, há aqueles que são maiores que outros. No topo desta hierarquia está o sumo bem, identificado com o Deus bíblico-cristão. Assim, o amor reto configura-se com a própria virtude: “não há inveja nas virtudes; este amor é puro, este amor é sem defeito” (ORÍGENES, 2018b, p. 37). Eis o texto:

‘Ordenai em mim o amor’. Justamente disse: ‘ordenai’. O amor de muitos, certamente, é desordenado: o que devem amar em primeiro lugar, amam em segundo; o que em segundo, amam em primeiro; o que é apropriado amar em quarto, amam em terceiro e, por outro lado, o terceiro no lugar do quarto. E em muitos, a ordem do amor está pervertida. Mas nos santos o amor é ordenado. Quero dar alguns exemplos para que se compreenda isso que foi dito, (isto é) ‘ordenai em mim o amor’ (ORÍGENES, 2018b, p. 65).

Por sua vez, como acima já se aludiu, esse amor reto na prática das virtudes é o meio de ascensão ao amor divino. Mais ainda, o amor é o elo que liga o homem a Deus, o princípio ontológico da união mística. É por ele que a alma realiza o seu casamento com Deus e a ele se configura, como assim se expressam os escritores da teologia mística, tais como João da Cruz e Tereza D’Ávila.

## **2 O conceito de amor em Santo Agostinho**

Santo Agostinho é, com certeza, a figura mais emblemática da Patrística e uma das personalidades mais conhecidas da antiguidade, razão porque dispensa-se neste trabalho uma resenha de sua biografia. Ademais, traçar um panorama histórico de sua carreira extrapolaria os limites deste texto, ainda que se pretendesse fazê-lo de forma resumida. A vida do filósofo

é uma complexidade de fases, momentos e rumos tão distintos que enchem numerosas páginas daqueles que se propuseram escrever suas biografias<sup>4</sup>.

A temática do amor é frequente nas obras agostinianas, desde os diálogos de Cassiciaco até seus escritos mais maduros. Para ele, assim como para Orígenes, o amor também é uma emoção da alma. Porém, Agostinho precisa a terminologia no tocante a esse aspecto, pontuando, em sintonia com os filósofos gregos, que o amor é uma variação de uma das quatro paixões fundamentais da alma humana, isto é, o desejo, a alegria, o medo e a tristeza. Nas palavras de Trapè (2018, p. 434): “Destas misteriosa força interior nascem todas as paixões, que não são senão modulações do único movimento do amor.”

Do mesmo modo como para o alexandrino, o hiponense também defende a ideia de que o amor é inato ao homem. Todos os homens amam alguma coisa, pelo que a pergunta não é se está amando ou não, mas o que se deve amar: “Não há ninguém que não ame. A questão é saber o que se deve amar. Não somos, por conseguinte, convidados a não amar, mas sim a escolher o que devemos de amar” (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 642).

No mais, esse amor é o princípio de classificação do homem no pensamento do Doutor de *Hippo*. Por certo, ao teorizar sobre o amor, Santo Agostinho junta a esta emoção o conceito de vontade. Esta última é a faculdade que opera todos os movimentos da alma. Por seu turno, o amor é o motor íntimo da vontade, o que leva Agostinho a afirmar categoricamente que “O meu amor é o meu peso, para qualquer parte que vá, é ele que me leva” (SANTO AGOSTINHO, 2015, p. 365). Nesta via, o homem será aquilo que for sua vontade e seu amor. Eis o que ele disserta em *A Cidade de Deus*:

É de grande importância saber como é o querer do homem, porque, se desordenado, seus movimentos serão desordenados e, se reto, não apenas serão inculpáveis, mas até mesmo louváveis. Em todos eles há querer, melhor diríamos, todos eles não passam de querer. Pois que é o desejo e a alegria senão querer em consonância com as coisas que queremos? E o que é o temor e a tristeza senão querer em dissonância com o que não queremos? (SANTO AGOSTINHO, 2012, p. 167).

Avaliar o desejo que há no homem, é assim, avaliar o próprio homem, já que o homem se configura e assemelha-se àquilo que ele ama. A esse respeito, explica Gilson (2010, p. 257) que “se o amor é o motor íntimo da vontade, e se a vontade caracteriza o homem, pode-se dizer que o homem é essencialmente movido por seu amor”. Sobre a identificação do homem com o objeto amado, assim se expressa Santo Agostinho no *Comentário ao Evangelho de São João*

---

<sup>4</sup> Para aqueles que desejarem mergulhar na vida e obra do Doutor da Graça, recomendamos sobretudo as duas biografias atualmente mais famosas e de um trabalho muito documentado, a saber: *Santo Agostinho, uma Biografia*, de Peter Brown, e *Agostinho: o homem, o pastor, o místico*, por Agostino Trapè.



(Tomo I): “Quando amamos uma coisa temos nela o coração. Por causa do amor que consagraram ao mundo, mereceram ser designados pelo mesmo nome com que era designado o objeto do seu amor” (SANTO AGOSTINHO, 2017a, p. 40).

Nesta via, percebe-se já de antemão que assim como em Orígenes, há também a distinção em Agostinho entre o amor ordenado e o desordenado. Na realidade, Agostinho ratifica a tese levantada pelo alexandrino a respeito da escala dos bens que devem ser amados de uma maneira mais intensa e/ou perfeita, assim como a ideia da ordem do amor. Em *A doutrina cristã*, o Doutor da Igreja estabelece a distinção entre as coisas que devem ser amadas e as que devem apenas ser usadas. As primeiras são as que trazem a paz e a felicidade total ao homem e por isso mesmo devem ser amadas por si mesmas. No que diz respeito à segunda classe de coisas, estas devem apenas ser usadas à medida que levam o sujeito a aderir às primeiras: “De tudo o que expusemos deduz-se que devemos gozar unicamente das coisas que são bens imutáveis e eternos. Das outras coisas devemos usar para poder conseguir o gozo daquelas” (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 42).

Essa distinção entre o fruir e o utilizar é o fundamento da ordem do amor em Agostinho. O amor que é orientado para as coisas eternas é justo e ordenado e só ele merece ser chamado verdadeiramente de amor, como Agostinho dirá em *A Trindade*: “só o verdadeiro amor merece ser chamado amor. Caso contrário, denominar-se-á concupiscência” (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 277). Ainda, esse amor recebe uma denominação especial, devendo chamar-se caridade, pois “é o amor pelo qual se ama o que se deve amar (GILSON, 2010, p. 261). Eis como se expressa o Santo Doutor:

Vive justa e santamente quem é perfeito avaliador das coisas. E quem as estima exatamente mantém amor ordenado. Dessa maneira, não ama o que não é digno de amor, nem deixa de amar o que merece ser amado. Nem dá primazia no amor àquilo que deve ser menos amado, nem ama com igual intensidade o que se deve amar menos ou mais, nem ama menos ou mais o que convém amar de forma idêntica (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 46).

Já se entrevê um anúncio dessa tese em *A verdadeira Religião*, quando o hiponense formula que a justiça perfeita é amar as coisas conforme sua dignidade. Assim, o amor ordenado é, segundo Santo Agostinho, sinônimo de justiça, ou por assim dizer, seu sustento e fundamento: “Essa é a perfeita justiça – a que nos leva a amar mais o que vale mais, e amar menos o que vale menos” (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 119). Para Reale (2017, p. 471) esse amor é a virtude por excelência na filosofia agostiniana, sendo o princípio vital do bem viver, não apenas espiritualmente, mas, também socialmente: “A *virtus* é a *ordo amoris*, ou

seja, amar a si mesmos, aos outros e às coisas segundo a dignidade ontológica própria de cada um desses seres”.

Por sua vez, se há um ponto em que Agostinho supera o pensamento origeniano, bem como todos os outros que o precederam, quanto à temática do amor, é sem dúvidas a sua teoria dos dois amores e das duas cidades, tese magna que lhe deveu bastante notoriedade na história da filosofia.

Agostinho relê a história da humanidade e imprime-lhe um destino final tomando como pano de fundo sua concepção da existência desses dois amores acima já apresentados, isto é, o falso e o verdadeiro, o ordenado e o desordenado. Porém, o hiponense precisa sua terminologia trazendo à luz o amor terreno e o amor celestial, ou em outras palavras, o amor aos homens e o amor a Deus. Ambos os amores distinguem toda a humanidade em duas grandes sociedades. A este respeito, comenta Trapè (2018, p. 357):

Com visão grandiosa, Agostinho reconduz a história do mundo a duas cidades; as duas cidades, a dois homens; os dois homens, a dois amores; os dois amores, não a duas realidades – boa e má –, mas a duas atitudes diversas, antes, opostas, livremente assumidas, perante a mesma realidade.

Essas duas atitudes de que fala Trapè são a origem dos dois amores, sendo uma a doação e a outra, o egoísmo. Decerto, o que Agostinho chama de amor celestial, verdadeiro ou justo, é o amor social, o qual não exclui o outro de seu convívio, ama a cada criatura conforme sua dignidade ontológica e ama a Deus de uma maneira superior, por ser ele a fonte de todo o ser. Do outro lado, o amor terreno, falso e desordenado é amor privado e que ama somente a si mesmo, a tal ponto de esquecer dos demais e do próprio princípio ontológico que lhe outorga o ser. A esse respeito, são significativas as seguintes palavras de Agostinho, extraídas do seu *Comentário ao Evangelho de São João* (Tomo II) (2017b, p. 365): “Quem ama a Deus não pode desprezar o preceito pelo qual Deus manda amar o próximo. E quem ama o próximo santamente, e espiritualmente, nada mais ama no próximo senão Deus. Este amor distingue-se de todo amor mundano”

Embora seja em *A cidade de Deus* que encontramos a formulação final da teoria dos dois amores e das duas cidades, seu anúncio já se encontra na obra-prima teológico-exegética do Doutor da Igreja, o *Comentário Literal ao Gênesis*, em que ele se expressa de forma mais desenvolvida e menos sintética:

Com efeito, toda privação implica diminuição. Daí que a soberba quer destacar-se, daí é empurrada para a angústia e a indignação, quando se volta do comum para o próprio pelo amor funesto de si mesmo. [...] Portanto, o amor perverso de si mesmo priva da

santa companhia o espírito inflado, e a miséria coarcta aquele que já deseja saciar-se mediante a iniquidade. Daí que, depois de ter dito em outra passagem: Os homens serão amantes de si mesmos, acrescentou em seguida: amantes do dinheiro, descendo da avareza geral, da qual a soberba é o princípio, para esta especial que é própria dos homens. Pois os homens não seriam mais excelentes quanto mais ricos. A caridade, contrária a esta enfermidade, não procura seu próprio interesse, ou seja, alegra-se pela excelência não a própria e, portanto, com razão, também não se incha de orgulho. Estes dois amores, dos quais um é santo, o outro impuro, um social, o outro privado, um que olha para o bem da utilidade comum em ordem à companhia celestial, o outro, que submete o comum a seu poder por causa da dominação arrogante, um, sujeito a Deus, o outro, rival de Deus, um, tranquilo, o outro, turbulento, um, pacífico, o outro, rebelde, um que prefere a verdade àslouvaminhas dos que erram, o outro, ávido de louvor de qualquer maneira, um amigável, o outro, invejoso, um que quer para o próximo o que quer para si, o outro, que quer submeter o próximo a si, um que governa o próximo para a utilidade do próximo, o outro, para a sua utilidade; estes amores existiram antes entre os anjos: um nos bons, o outro nos maus; e separam as duas cidades fundadas no gênero humano sob a admirável e inefável Providência de Deus que administra e ordena todas as coisas criadas, uma dos justos, a outra dos pecadores (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 401-402 ).

Desse modo, no amor direcionado somente a si próprio, o homem se fecha em si mesmo, excluindo os outros e também excluindo a Deus, que deveria ser o objeto do amor total por parte do sujeito. Por outro lado, o amor a Deus que, em contrapartida também se dirige ao próximo – como acima se notou, Agostinho une o amor ao próximo ao amor a Deus, pois este último é a própria fonte do amor – é o vínculo e o meio da união mística do ser com seu Criador, tal como se lê em *A Trindade*:

Que ele ame o seu irmão e estará amando o próprio Amor. Pois assim conhecerá melhor o amor com que ama do que o irmão a quem ama. Pode desse modo ter de Deus um conhecimento maior do que o do irmão. Sim, Deus torna-se mais conhecido, porque lhe está mais presente. Deus lhe será mais conhecido porque lhe é mais íntimo. Mais conhecido porque mais seguro. Ao abraçar a Deus que é Amor, abraças a Deus por amor. É esse mesmo amor que une todos os anjos bons e todos os servos de Deus pelo vínculo da santidade. É o mesmo amor que nos une entre nós e a eles reciprocamente, e ainda nos submete a Deus. Por conseguinte, quanto mais livres estivermos do cancro do orgulho, tanto mais cheios estaremos de amor. Ora, de que está cheio quem está cheio de amor, senão de Deus mesmo? (SANTO AGOSTINHO, 1995, p. 281).

Identificando a Deus com o próprio amor e a fonte mesma do amor, Agostinho compreende, assim como Orígenes, que o amor reto é meio de ascensão até o divino e o próprio meio de união mística.

### **Considerações finais**

A temática do amor ocupa lugar importante, tanto no pensamento de Orígenes como no de Santo Agostinho. Ademais, o tema é chave de interpretação dos textos de ambos os autores,

o que mostra ser relevante tal estudo no campo de investigação e compreensão das doutrinas e dos sistemas filosóficos de ambos os escritores antigos.

Não obstante algumas diferenças que o sistema origeniano apresenta com relação ao agostiniano, observa-se que há muitos pontos em comum entre ambos, tanto que poderíamos nos perguntar se Agostinho não teria bebido dos textos de Orígenes quando da formulação de suas ideias. Por certo, é sabido que, para a escrita de seu *Tratado sobre a Trindade*, Agostinho estudou obras de Padres gregos como Hilário de Poitiers traduzidos para o latim, como ele mesmo o atesta no início da obra.

De fato, chegou até nós notícias de que o hiponense havia solicitado a São Jerônimo traduções de algumas obras do alexandrino, como aponta Brown (2020, p. 338): “em 392, escreveu a Jerônimo para solicitar traduções de comentaristas gregos da Bíblia, sobretudo Orígenes”. Entretanto, tais obras nunca chegaram às mãos de nosso filósofo, “porque Orígenes perdera prestígio e Jerônimo se havia irritado”. Os motivos são aqueles já mencionados acima. Deste modo, sabe-se que tal ideia – de uma possível influência de Orígenes nos textos agostinianos – está descartada.

Por outro lado, há de considerar-se que, embora não seja possível provar a influência direta de um sob o outro, há por outro lado textos comuns que influenciaram tanto Orígenes como Agostinho. Os dois conheciam a filosofia grega, e ambos eram de matriz platônica, o que já permite entrar em cena a distinção entre mundo sensível e inteligível, entre o terrestre e o espiritual.

Além disso, há outros aspectos que aproximam ambos os pensamentos. Os dois autores concebem o amor como uma emoção da alma, sendo que Agostinho se destaca por pontuar que não apenas isso, mas o amor também é a variação de uma das quatro paixões fundamentais, concepção já presente nos escritos dos filósofos gregos. Os dois defendem a ideia do inatismo do amor no homem e a distinção entre os amores ordenado e desordenado. Ainda, ambos dissertam a respeito da *ordo amoris*, a qual deve ser como orientada pela justiça, sendo que Agostinho é mais específico no tocante a esta ideia da *ordo* ao formular a doutrina do fruir e do utilizar. Por fim, os dois teorizam a respeito da união mística entre o homem e Deus através do amor.

Entretanto, Agostinho dá um passo além de Orígenes com a doutrina das Duas Cidades, em quem recapitulando toda a história da humanidade, ergue os fundamentos que, em sua concepção, são a razão do sucesso ou do insucesso das civilizações: os dois amores. Por sua vez, esses amores também apontam o destino final de ambas as sociedades. Os que amam

somente a si mesmos estão destinados à eterna amargura e sofrimento, enquanto aqueles que amam a Deus e ao próximo estão predestinados à bem-aventurança na união divina com seu Criador.

Assim, tendo analisado os textos selecionados e estudados para esta pesquisa, é permitido concluir que, no tocante ao tema do amor, os pensamentos de Orígenes e Agostinho muito se aproximam e apontam sempre para a mesma direção em muitos pontos. Não obstante, o hiponense possui um sistema mais complexo e preciso acerca da temática selecionada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, S. *A cidade de Deus: Contra os pagãos, parte II*. Tradução de Oscar Paes Leme. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- AGOSTINHO, S. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. *A verdadeira religião*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGOSTINHO, S. *A Trindade*. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 1995.
- AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- AGOSTINHO, S. Comentário literal aos Gênesis. In AGOSTINHO, S. *Comentário aos Gênesis*. Tradução de Augustinhu Belmonte. São Paulo: Paulus, 2005.
- AGOSTINHO, S. *Comentário ao Evangelho de São João (tomo I)*. Tradução de José Augusto Rodrigues Amado. São Paulo: Cultor de Livros, 2017a.
- AGOSTINHO, S. *Comentário ao Evangelho de São João (tomo II)*. Tradução de José Augusto Rodrigues Amado. São Paulo: Cultor de Livros, 2017b.
- AGOSTINHO, S. Sermões. In: *Liturgia das Horas*. São Paulo: Paulus, 1955
- BROWN, P. *Santo Agostinho: Uma biografia*. Tradução de Vera Ribeiro. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- CAPINETTI, L. C. L. Introdução. In: ORÍGENES. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*. Tradução de Luís Carlos Lima Capinetti. São Paulo: Paulus, 2016.
- DENZINGUER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2013.
- FREITAS, H. D. O. Introdução. In: ORÍGENES. *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*. Tradução de Heres Drian de Oliveira Freitas. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANGIOTTI, R. *História das Heresias: do séc. I ao VII: conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GILSON, É. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2 ed. São Paulo: P'aulus, 2010.

LUPI, J. Introdução. In: ORÍGENES. *Comentário ao Cântico dos Cânticos*. Tradução de João Lupi. São Paulo: Paulus, 2018.

ORÍGENES. *Comentário ao Cântico dos Cânticos*. Tradução de João Lupi. São Paulo: Paulus, 2018a.

ORÍGENES. *Homilias sobre o Cântico dos Cânticos*. Tradução de Heres Drian de Oliveira Freitas. São Paulo: Paulus, 2018b.

ORÍGENES. *Homilias sobre o Evangelho de Lucas*. Tradução de Luís Carlos Lima Capinetti. São Paulo: Paulus, 2016.

REALE, G; ANTISERI, D. *Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2017.

TRAPÈ, A. *Agostinho: o homem, o pastor, o místico*. Tradução de Francisco Evaristo Marcos e Marcos Roberto Nunes Costa. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.